

Portugal Islâmico

Os
últimos
sinais
do
Mediterrâneo



Santiago Macias

Casas urbanas e quotidiano no Gharb al-Ândalus

Antes da recente e decisiva entrada dos contributos da arqueologia na história medieval a memória da islamização no Sul de Portugal (ou Gharb al-Ândalus) não ia além dos textos que os geógrafos redigiram e à contribuição de um ou outro poeta. As afirmações sobre a vida das populações resumiam-se, por isso, a um punhado de generalidades quase sempre baseadas em textos que refletiam os luxuosos ambientes palatinos de Sevilha ou de Córdova mas que nada acrescentavam ao conhecimento do que foi o quotidiano dos mertolenses, bejenses ou silvenses da Alta Idade Média.

Pelas mesmas razões, o símbolo das casas islâmicas medievais confundia-se, até há pouco, com os luxuosos palácios onde os grandes senhores do tempo consumiam uma doce vida de jogos, poesia e amor. Esse mito, que sítios como o Alhambra, em Granada, converteram em verdade absoluta, é difícil de transportar para a maior parte das habitações que existiram em povoações como Mértola ou Faro. Que semelhanças haveria entre o dia-a-dia dos habitantes do Palácio das Varandas, em Silves, e o das pessoas que viveram no povoado rural de Alcaria Longa, junto a Mértola? Que proximidade teriam a sofisticada cidade que apareceu aos olhos maravilhados de Osberno e a frugal existência da população das Mesas do Castelinho, perto de Almodôvar? Bem poucas, certamente.

Um conjunto de escavações arqueológicas, realizadas em vários pontos do Gharb al-Ândalus tem vindo a lançar luz sobre vários aspectos do quotidiano. Para além do espólio cerâmico - outrora sumariamente catalogado como "louça árabe" -, escavações como

as de Mértola, de Silves ou do Castelo Velho de Alcoutim fornecem-nos dados fundamentais para a compreensão da organização do espaço em conjuntos urbanos ou em povoados rurais.

As casas e o quotidiano

É em volta das casas urbanas, da forma como eram construídas e usadas que boa parte da atenção se tem vindo a centrar. As alcáçovas de Mértola e de Silves merecem, pela espectacularidade dos resultados obtidos nas respectivas escavações arqueológicas, papel de destaque.

A despeito das variações na área ocupada (entre 45 m² e 88 m² no caso de Mértola) ou na riqueza dos acabamentos, provocadas pelas diferentes capacidades económicas dos encomendadores, sabemos hoje que todas estas habitações se organizavam em torno de um pátio central descoberto. A partir daí distribuíam-se os restantes compartimentos (salão, alcova, latrina e cozinha) que compunham a habitação. Ainda longe do rígido esquema das casas actuais, em que a cada divisão cabe uma função específica, nestas moradias tudo apontava já para uma relativa especialização.

De carácter marcadamente citadino (debalde tentaremos encontrar esta forma de conceber o espaço nos povoados rurais ou fora do âmbito urbano), esta tipologia é comum a inúmeras cidades islâmicas da mesma época - recordemos os casos de Dénia¹, Murcia², Ciesa³, Saltés⁴, Pechina⁵, Mértola⁶ ou Silves⁷ - e corresponde a um modelo utilizado, de forma generalizada, na Península Ibérica e no Magrebe, ao longo dos séculos XII e XIII.

A arqueologia medieval permitiu ainda que começassem a ser conhecidas com um pouco mais de rigor as formas de construção das casas .



As casas n.ºs 1 (em primeiro plano) do islâmico da Alcáçova de Mértola.

Não há cânones, parâmetros rígidos ou esquemas inflexíveis. As maneiras de edificar dependem dos recursos de cada zona e das posses dos proprietários. É por esses motivos que tanto encontramos muros de pedra mal aparelhados nos povoados rurais como

silhares cuidadosamente alinhados em edifícios palatinos. Verificamos também, com frequência, que existe uma grande identidade entre a arquitectura popular actual e as casas exumadas durante as escavações arqueológicas. Embora possa incorrer numa *leitura etno-arqueológica ingénua* não posso deixar de notar que, em Mértola, os muros de taipa levantados sobre embasamentos de alvenaria são tão comuns nas casas do bairro islâmico do século XIII como nas habitações populares da Vila Velha. O mesmo se poderá dizer das telhas de canudo e dos pavimentos pintados com almagre, que só em tempos muito recentes conheceram um inexorável declínio. Em ambientes mais luxuosos, como na área palatina da alcáçova de Silves, a riqueza dos moradores estava bem patente na qualidade das decorações e no laborioso rendilhado dos arcos que davam acesso a amplos e, seguramente, confortáveis salões.

Todas estas casas eram espaços encerrados sobre si, virados para dentro e com raras aberturas ao exterior, de forma a preservar a intimidade dos moradores.

Numa sociedade tão ciosa da sua privacidade, a entrada das casas era um local que merecia tratamento cuidado.

A colocação das portas da rua constituiu um ponto a que habitantes e legisladores deram particular atenção. Alguns tratados de *hisba*, em especial, preocuparam-se com a protecção da intimidade do lar. Ibn al-Rami, legislador de Kairouan do século XIV, estabelecia uma certa hierarquização das “vistas indiscretas”, das menos importantes às mais ofensivas. Na primeira incluía-se a localização de lucarnas e janelas. Nas segundas mencionavam-se as vistas afrontadas que favoreciam o contacto visual de uma casa para outra⁸. Para reduzir este efeito Ibn Saḥnūn propunha um método, em uso na Andaluzia do século XIV, que previa a criação de um desacerto, fazendo que cada porta tivesse à sua frente, do outro lado da rua, não uma porta mas uma parede⁹.

As entradas das casas - quase sempre nobilitadas pelo reaproveitamento de parte de fustes e de frisos romanos como soleiras ou como ombreiras - eram também o sítio onde, de um modo prioritário, se colocavam os símbolos de protecção, destinados a afugentar os espíritos maléficos, impedindo a interferência destes no quotidiano dos habitantes. *Mãos de Fátima* e ferraduras eram os objectos privilegiados para afastar o mal. Por vezes, as escavações arqueológicas permitem identificar, junto a essas portas, as chaves que lhe pertenceram, como ocorreu na entrada da casa almóada de Silves¹⁰.

Só depois de se passar a entrada o átrio é que se tinha, verdadeiramente, acesso ao mundo da casa. Era no seu interior, no pátio ou na cozinha, espaços íntimos e longe dos olhares indiscretos da rua, que as mulheres de uma família alargada (mãe, filhas, sobrinhas, sogra etc.) preparavam conservas, confeccionavam refeições, teciam ou conversavam. O papel da mulher adquiria contornos tanto de ordem prática como simbólica. Há referências escritas ao facto de a mulher se fazer quase sempre acompanhar no interior da casa por uma pequena bilha de azeite com a qual tanto acendia as lâmpadas como temperava a comida. O papel da mulher na casa era ao mesmo tempo o de alguém que proporcionava a alimentação e a luz¹¹.

Os pátios eram, na realidade, o coração da casa e a sua peça fundamental, fornecendo ao mesmo tempo iluminação e ventilação. O mais provável, e atendendo às características climáticas da região, que favoreciam a reunião de pessoas naquele local, é que o pátio desempenhasse um papel de grande relevo no quotidiano da população, designadamente como local de trabalho das mulheres da casa e como espaço para confecção de algumas refeições. A zona central pode ter sido, em certos casos, utilizada como pequeno canteiro para o cultivo de ervas aromáticas, como a hortelã ou a salsa, uso já sugerido para casas de Ciesa¹². Há também, para espaços semelhantes a este, referências explícitas à

existência de vasos para a colocação de flores e outras plantas¹³. Sendo as zonas de maior área das casas, desempenham no Mediterrâneo o papel central que nas habitações do Norte estava reservado às lareiras¹⁴.

Todas estas casas tinham uma sala principal, onde boa parte da vida se passava. Locais de trabalho e de repouso, eram, sempre que possível, cuidadosamente argamassados e pintados com almagre e tinham num dos topos uma pequena alcova, pequeno compartimento elevado em relação ao pavimento. Debaixo destas estruturas onde se dormia eram, nas noites mais frias, colocadas braseiras que garantiam uma suplementar dose de conforto aos ocupantes desse espaço.

No caso das moradias de Mértola, os trabalhos arqueológicos têm vindo a proporcionar, ao longo dos anos, um enorme espólio de torres de roca, de pontas de fuso e de cossoiros, utilizados nas domésticas tarefas de fiação. A frequência com que são encontrados, assim como a presença, em distintos contextos almóadas, de tempereiros, agulhas, dedais e de uma tesoura não deixa dúvidas em relação à manufactura caseira de mantas ou outros bens. Por exclusão de partes, e com excepção de uma eventual utilização do pátio, era nestes salões que tais tarefas teriam lugar.

Para amenizar o *spleen*, os habitantes matavam o tempo com o gamão, os dados e o alquerque, uma espécie de “jogo do galo”, praticado até aos nossos dias nas zonas rurais mais arcaicas.

Casa nº 2, Bairro islâmico da Alcáçova de Mértola. Planta.

- I átrio
- II pequeno compartimento
- III alcova
- IV zona de fogo (cozinha)
- IVa espaço de armazenamento (cozinha)
- V salão com alcova
- VI compartimento de funções múltiplas
- VII pátio
- VIII oficina de trabalho
- IX átrio
- X latrina



CASAS I E II
Escala 1:50

Era também na sala principal da casa que a família tomava as suas refeições. Embora tenham chegado até nós alguns relatos sobre o ritual da mesa no Islão peninsular, estes referem-se sempre à faustosa vida da corte califal. Os paralelos com o quotidiano dos modestos artesãos ou pequenos comerciantes da alcáçova de Mértola são, evidentemente, nulos.

Os membros da família, e eventualmente algum convidado, sentar-se-iam sobre mantas dispostas no solo do salão da casa e tendo à sua frente a refeição, servida em tigelas colectivas de grandes dimensões. Caso a refeição constasse de várias iguarias, estas eram apresentadas ao mesmo tempo, embora um autor anónimo do século XIII considerasse que os pratos se deveriam servir de forma sucessiva. Este conselho aplicar-se-ia, até pelo número de pratos citado (nada menos que sete), a mesas abastadas e tinha sido introduzido no Ândalus logo nos inícios do século VIII¹⁵. As boas maneiras à mesa eram já preocupação de alguns: Maimonides aconselhava que não se comesse de forma precipitada nem que se enchesse a boca...¹⁶

A água era muitas vezes bebida aromatizada com flor de laranjeira ou de rosas, hábitos dos mais requintados certamente. A água, dizia Ibn Zuhr, devia ingerir-se durante as refeições, desaconselhando-se que fosse tomada fora dessas ocasiões¹⁷.

Sobre os artefactos utilizados à mesa temos nesta exposição um expressivo testemunho: tigelas, bilhas, copos, jarrinhas, uma multiplicidade de objectos cujas funções específicas têm sido campo fértil para debate entre historiadores, arqueólogos, etnólogos e linguistas.

Um espaço essencial nestas casas meridionais era o que se reservava ao armazenamento e conservação dos alimentos. Sem meios que lhes permitissem guardar os alimentos frescos, cujo consumo era apenas possível numa curta época do ano, as populações desenvolveram complexos métodos (fossem eles as salgas, as fumagens, as secagens ou as caldas)¹⁸ que possibilitavam o prolongamento do seu período de uso, por vezes longos meses após a sua preparação.

O armazenamento dos cereais não deveria, em princípio, ser feito dentro das casas ou, sequer, nas suas proximidades: Ibn al-^cAwwâm mencionava a existência de grandes silos subterrâneos, os quais eram devidamente preparados para essa finalidade¹⁹. São, no entanto, conhecidos vários exemplos de silos domésticos em habitações islâmicas escavadas no Castelo de Salir²⁰ ou em sítios como o Monte da Cegonha²¹ ou Vilamoura. Em Mesas do Castelinho, uma análise ao conteúdo de um silo possibilitou a identificação de restos de uma espécie de trigo que hoje se cultiva apenas no Médio Oriente²².

As restantes operações de armazenamento eram feitas no interior das casas. Abundam nos *tratados de agricultura*²³ da época os procedimentos a seguir para guardar um grande número de produtos em jarras, ou pendurados das paredes ou dos barrotes do tecto, para posterior consumo. Complexos procedimentos de preparação de conservas em vinagre ou em mel, de secagens, de formas de enterrar os frutos secos²⁴ são, nesses textos, alvo de detalhada descrição.

Os próprios utensílios onde era feita a conservação mereciam cuidados desses autores. O tratado de Ibn al-^cAwwâm, por exemplo, fazia uma certa diferenciação entre os tipos de artefactos cerâmicos e o respectivo uso, aconselhando barro novo para determinados produtos e os vasos vidrados para outros²⁵.

A protecção dos alimentos era tentada das mais diversas formas. Num mundo cheio de crenças, temores e superstições pareciam insuficientes os simples preparados culinários, os fermentos ou os açúcares, para garantir que os víveres não se estragariam. A magia tinha aqui um vasto campo de intervenção, que começava na escolha de objectos, em particular na das talhas, onde se conservava a água e nas quais deviam estar escritas fórmulas apropriadas (como *baraka* - benção ou *al-yumn* - felicidade). Noutros casos era

utilizada a “mão de Fátima”, símbolo da divindade para os muçulmanos, cuja utilização protegia dos feitiços não só os alimentos conservados nessa vasilha, mas também a casa e os seus habitantes²⁶.

As práticas de magia não se cingiam, porém, aos objectos onde se guardavam os alimentos. As fumigações, tidas como eficazes no afastamento de espíritos e animais indesejados, eram bastante utilizadas. Citem-se, a título de exemplo, o uso de corno de veado ou de unha de cabra como forma de afugentar víboras e serpentes ou ainda a utilização de produtos como o âmbar, o açafraão ou a cânfora para afastar os escorpiões²⁷.

Outras técnicas ainda eram consideradas particularmente úteis na tarefa de afastar os bichos do interior das casas e de impedir que eles chegassem perto dos alimentos. As receitas nesse sentido são variadas, de preparação complexa e incluíam ingredientes tão díspares como cebolas, alcaparras, esterco de burro, vinagre ou pez derretido. Afirmava Ibn al-^cAwwam que, feitas durante várias horas, eram sucesso garantido contra insectos e ratos²⁸. Nada nos permite duvidar das certezas expressas pelo enciclopedista.

Sistemas mais prosaicos, como a presença dos gatos (ou mesmo de ginetas, as quais dariam caça a pequenos roedores²⁹) no interior das casas, seriam também correntes.

Na maior parte destas casas, a cozinha tinha um espaço independente e de uso exclusivo. A tradição do carácter autónomo deste compartimento perder-se-ia após a Reconquista, deixando então a cozinha de surgir, e com excepção das casas mais ricas, como espaço individualizado no contexto da habitação. Nestes pequenos compartimentos das casas islâmicas, onde por vezes é visível uma separação entre espaços de armazenamento e áreas de fogo, não parece ter havido qualquer utilização polivalente.

O primeiro compartimento era constituído por uma pequena ante-câmara ligada sempre de forma directa ao pátio. Parece provável que se destinasse a arrumar vasilhas de armazenamento (talhas assentes nas suas pequenas peanhas, potes ou cântaros, com toda a probabilidade) que conteriam tanto os próprios alimentos como os géneros indispensáveis à sua confecção.

O espaço interior da cozinha era sobretudo destinado às lareiras, feitas sobre o chão ou então em estruturas de combustão escavadas no solo. Esses buracos, circulares ou em quarto de círculo, estavam delimitados por bem organizados alinhamentos de pedra, cravados no solo. As pedras, de pequenas dimensões, encontravam-se ao nível do pavimento da cozinha e delimitavam zonas de fogo que se destinariam a comportar apenas uma peça de cada vez.

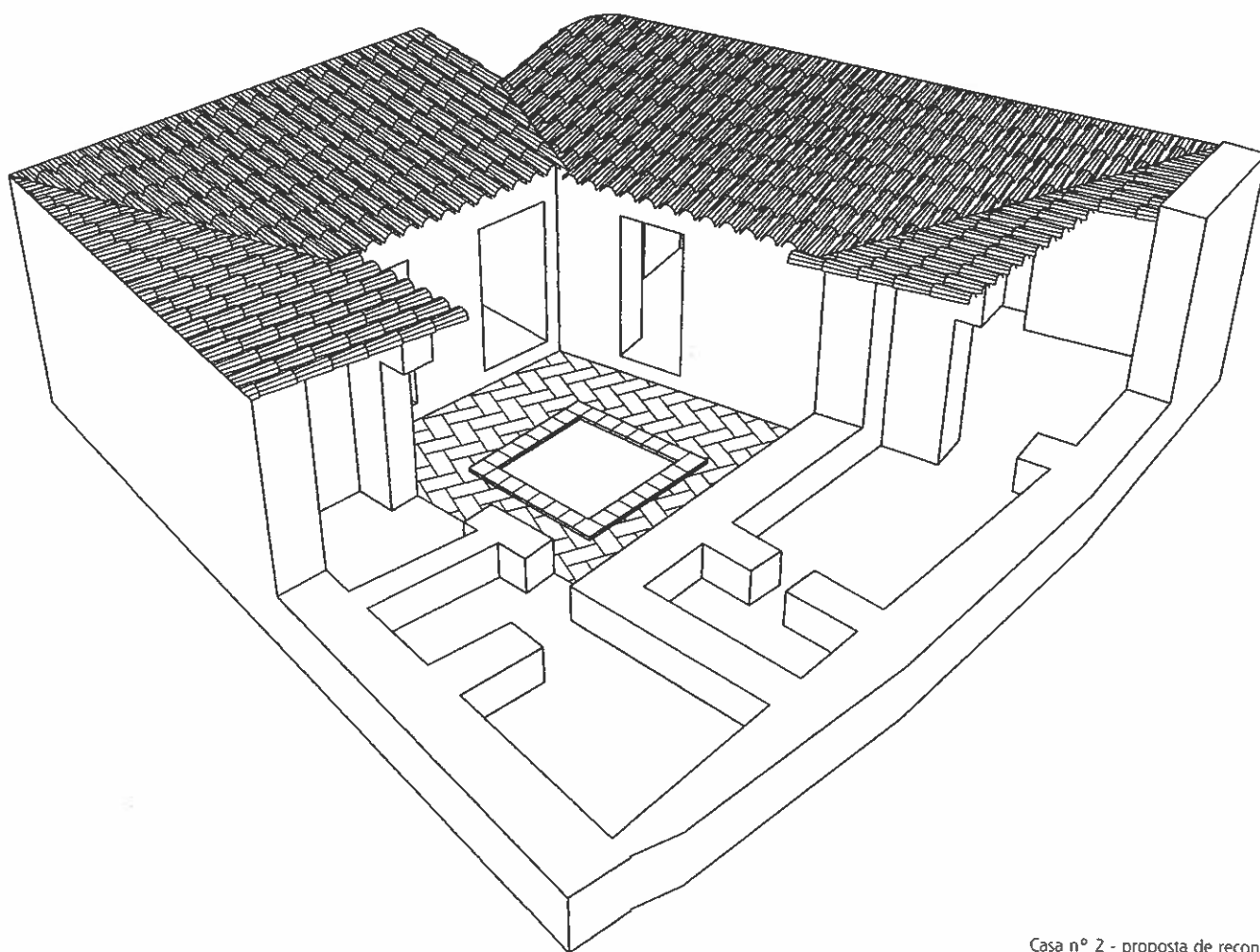
Estruturas de combustão deste género foram identificadas em Mértola³⁰, Los Guajares³¹, Alcaria Longa³² e noutros povoados rurais da Andaluzia Oriental e do Levante Peninsular³³. A presença destes elementos arcaizantes em ambientes urbanos (para além de Mértola foi encontrada uma estrutura similar em Qsar es-Seghir, no Norte de Marrocos³⁴) pode também indicar que poderemos estar na presença de populações de origem rural ainda presas a hábitos ancestrais. Dispositivo nitidamente arcaico e do qual perduraram apenas alguns vestígios na serra algarvia³⁵ foi ainda registado, nos inícios deste século, em tribos berberes de Marrocos³⁶.

Os tratados de alimentação aconselhavam que se cozinhasse com lenha, de preferência seca³⁷. A madeira acendia-se normalmente, pelo menos na região do Gharb, com uma planta chamada “fava de acender”, também conhecida como tordílio (*Tordylium officinale*), e que é comum em todo o Mediterrâneo³⁸.

Os dados sobre o papel de cada forma cerâmica na cozedura dos alimentos são quase sempre dispersos e vagos e baseiam-se nos tratados de cozinha, *hisba* e agricultura.

De forma quase sempre indirecta surgem referências ao modo de confeccionar este ou aquele prato, assim como os utensílios eventualmente necessários. Em raros casos, os textos indicam com rigor a função de uma determinada peça.

A peça que marca presença indelével em todas os contextos arqueológicos relacionados com a cozinha é a panela. De antiga tradição, muito corrente no mundo romano, manteve um papel fulcral nas casas hispano-muçulmanas de todas as classes sociais. Este utensílio de base convexa, corpo globular com caneluras, curto colo cilíndrico, bordo engrossado e duas asas, foi, conforme acertadamente se escreveu, a estrela dos artefactos da cozinha almóada no Gharb³⁹.



Casa nº 2 - proposta de reconstrução

À semelhança doutras peças de uso mais intenso, como os fogareiros ou as caçoi-las, é crível que as panelas não tivessem, e devido a uma natural deterioração, um uso muito prolongado. A sua substituição devia registar-se a espaços regulares, talvez anualmente ou a intervalos menores, se as finanças domésticas o permitissem.

Sobre os hábitos alimentares, um mundo até há pouco praticamente desconhecido, trabalhos recentes permitiram a identificação de alguns traços dominantes na alimentação, naturalmente condicionados pelos eco-sistemas de cada local. São de particular interesse, a esse nível, os estudos realizados sobre os restos de fauna e de flora recolhidos em Alcaria Longa⁴⁰, Mértola⁴¹, Mesas do Castelinho⁴² e Silves⁴³.

Refira-se, em jeito de conclusão, o cuidado posto nas zonas meridionais com a higiene urbana, preocupação que tinha início dentro da própria casa. Quase todas estas habitações tinham uma latrina, ligada a uma rede de esgoto ou, de forma mais frequente, a uma fossa situada em plena rua⁴⁴. A disposição das frinchas abertas no solo das latrinas, orientada no sentido Norte-Sul, tanto em duas casas de Mértola⁴⁵ como na casa almóada de Silves⁴⁶, parece dar cumprimento a um conhecido *hadith* (afirmação ou acto tradicionalmente atribuído a Maomé) que proibia que se fizessem as necessidades fisiológicas com a face virada para a *qibla*⁴⁷. Em Silves, a latrina escavada contava ainda com uma pequena tina de abluções, requinte para o qual se encontraram paralelos em Madīnat al-Zahrā' e no Alhambra⁴⁸.

O quotidiano fora de casa

Num mundo em que o interior do lar era o espaço quase exclusivo das mulheres, aos homens estavam reservadas as tarefas da guerra, do comércio ou, simplesmente, do convívio nos locais públicos, fossem eles o mercado, a mesquita ou os banhos. Como em tantas outras cidades da orla mediterrânica, repetiam-se nos bairros das medinas de Mértola, Silves ou Tavira rituais, hábitos e gestos de um ritmo diário condicionado pela execução de trabalhos rotineiros.

Escasseiam, também a este nível, dados históricos ou arqueológicos que permitam uma reconstituição segura sobre o quotidiano fora de casa. Ao invés do que ocorre noutras regiões do Ândalus (recordem-se os exemplos de Granada ou de Ronda) nunca foram encontradas estruturas balneares nas cidades do Gharb. É, no entanto, inequívoco que elas existiram e perduraram mesmo para cá da Reconquista, sucumbindo apenas aos pudores da Igreja. Curiosamente, às fornalhas dos banhos públicos estava destinado o papel de incinerar parte do lixo urbano⁴⁹.

De entre as tarefas que consumiam mais tempo e mantinham ocupados um maior número de elementos da família tinham especial relevo as que se relacionavam com a confecção dos alimentos. Os trabalhos de aprovisionamento (desde a compra de géneros no mercado ao transporte de água ou de lenha), de preparação ou de cozedura (em casa ou no forno comunitário) prolongavam-se por várias horas.

Se é verdade que nos faltam também dados concretos ou vestígios físicos sobre os mercados ou os fornos do período islâmico, dispomos, ao invés, de uma estrutura única de abastecimento de água às populações. Refiro-me ao poço-cisterna de Silves, em volta do qual se ergue hoje o Museu Municipal de Arqueologia e que desce até ao nível freático. Uma escadaria envolve, pelo exterior, as paredes cilíndricas do poço permitindo o acesso à água. Cada lanço de escadas é coberto por uma pequena e segmentada abóbada de berço.

Os homens passariam também parte substancial do tempo na mesquita. Espaços abertos ao exterior, eram local de convívio e de resolução dos problemas da comunidade. Das que existiram no Gharb conserva-se parte substancial das mesquitas de Mértola e de Idanha-a-Velha, o embasamento do minarete da de Loulé e a lápide fundacional de idêntica estrutura em Moura.

Ao invés, e segundo os autores muçulmanos, as igrejas eram sítios a evitar. Recomendava Ibn ʿAbdūn, em meados do século XII: “deve proibir-se às mulheres muçulmanas que entrem nas abomináveis igrejas, porque os clérigos são libertinos, fornicadores e sodomitas. De igual modo deve proibir-se às mulheres francas que entrem na igreja sem ser em dia de função, porque ali comem, bebem e fornicam com os cléri-

há nenhum deles que não tenha duas ou mais mulheres com que deitar-se⁵⁰.

O mesmo tipo de risco corriam as mulheres que frequentassem os cemitérios, outro importante espaço público das cidades mediterrânicas. Entre os túmulos levantavam-se tendas, nas quais as mulheres permaneciam por longos períodos, com o pretexto de fugir aos olhares indiscretos, bom incentivo para acrescentar o desejo e o vício de conquistadores e libertinos que, em busca de melhor fortuna, costumavam ir às necrópoles seduzir as mulheres que as frequentavam. Essas tendas convertiam-se, na Sevilha almorávide, quando pela hora da sesta se esvaziavam os caminhos, em verdadeiros lupanares⁵¹.

A topografia das necrópoles de época islâmica, e se nos reportarmos às áreas urbanas, obedecem a um bem conhecido princípio herdado do mundo romano: situam-se sempre extra-muros, perto de uma das entradas das cidades e bordejando um dos caminhos de acesso ao núcleo urbano. Frequentemente estes cemitérios islâmicos acabavam por ladear as necrópoles judaica e cristã que, por sua vez, ocuparam ou reutilizaram as ruínas de monumentos funerários romanos⁵². A arqueologia tem localizado, para os territórios do Gharb al-Ândalus, alguns destes cemitérios (citem-se os casos de Mértola, Cacela Velha, Moura ou Quinta do Lago), embora, por diversos factores, nenhum deles tenha sido sistematicamente escavado, nuns casos, ou publicado, no que se refere a outros.

A Reconquista do Gharb al-Ândalus e, em particular, a tomada militar das terras do Barlavento traçaram o destino daquela que foi a última síntese civilizacional mediterrânica.

Muitos traços da cultura meridional só em tempos recentes desapareceram de modo irreversível. Modos de vida ligados à pastorícia, à tecelagem e a uma agricultura de subsistência marcaram, durante séculos, o quotidiano das serras entre o Baixo Alentejo e o Algarve. No extremo Sul do território português, o lento trabalhar das azenhas, a exploração tradicional de hortas e de pomares, as artes da construção naval e da pesca e mesmo algum contacto com o Norte de África foram resistindo quase até aos nossos dias. É, contudo, inegável que a partir de meados do século XIII, e de forma progressiva, foram outros poderes e outras áreas de influência a marcar o ritmo de vida das cidades e vilas onde até há pouco o árabe era um idioma corrente.

¹ Gisbert Santonja, 1992

² Navarro Palazon, 1991

³ Navarro Palazon, 1990 e 1991a

⁴ Bazzana, 1994

⁵ Castillo Galdeano, 1990

⁶ Macias, 1996

⁷ Gomes, 1988

⁸ Mokadem, 1992: 176-177 e Khiara, 1994: 35-36

⁹ Mokadem, 1992: 177

¹⁰ Gomes, 1988: 77-79

¹¹ Goitein, 1983: 142-143

¹² Navarro Palazon, 1990: 179

¹³ Goitein, 1983: 150

¹⁴ Laurioux, 1992: 71

¹⁵ Huici Miranda, 1966: 91

¹⁶ Maimonides, 1989: 314

¹⁷ Ibn Zühr, 1992: 130

¹⁸ Santos, 1992: 87-88

¹⁹ Ibn al-‘Awwâm, 1802: 678.

²⁰ Catarino, 1995: 11-17

²¹ Lopes, 1994: 499

- 22 Guerra, 1993: 91-92 e Pais, 1993: 109-110
- 23 Nomeadamente nos de Abū l-Jayr, 1991: 312-317, Ibn Luyūn, 1988: 242-248 e de Ibn al-ʿAwwām, 1802: 660-682
- 24 Abū l-Jayr, 1991: 312-313
- 25 Ibn al-ʿAwwām, 1802: 662, 670, 671, 674 e 684 e 1802a: 410-411
- 26 Khawji, 1994: 607-608
- 27 Ibn al-ʿAwwām, 1802a: 344-345 e 348
- 28 Ibn al-ʿAwwām, 1802a: 342-344
- 29 Morales Muñoz, 1995: 34-35
- 30 Macias, 1996: 104-105
- 31 Bertrand, 1990: 212
- 32 Boone, 1993: 115; fig. 6 B
- 33 Bazzana, 1992: 126-134
- 34 Redman, 1986: 86-87
- 35 Gamito, 1994: 548
- 36 Laoust, 1920: 51
- 37 Ibn Zuhr, 1992: 147
- 38 Asin Palacios, 1943: 380 e João Pais (informação pessoal)
- 39 Lafuente, 1996: 175
- 40 Antunes, 1996: 267-276
- 41 Morales Muñoz, 1993: 263-271; Hernandez Carrasquilla, 1993: 273-276; Roselló Izquierdo, 1993: 277-283; Moreno Nuño, 1993: 285-287; Antunes, 1996: 267-276; Pais, 1996: 277-282
- 42 Cardoso, 1993: 103-107; Pais, 1993: 109-110
- 43 Antunes, 1991: 41-74; Pais, 1996: 277-282
- 44 Macias, 1996: 94-97
- 45 Macias, 1996: 94-97
- 46 Gomes, 1988: 62-64
- 47 El-Bokhari, 1984: 69
- 48 Gomes, 1988: 74
- 49 Eliseef, 1982: 125
- 50 Garcia Gómez, 1981: 150
- 51 Torres Balbás, 1985: 257-258
- 52 Torres, 1993: 414

Bibliografia

FONTES

ABŪ L-JAYR (1991) - *Tratado de agricultura*. Introd., ed., trad. e índices por Julia Carabaza. Madrid: Instituto de Cooperación con el Mundo Árabe.

EL-BOKHARI (1984) - *Les traditions islamiques*. Trad., índice e notas de O. Houdas e W. Marçais. Paris: Librairie d'Amérique et d'Orient. vol. I.

GARCIA GÓMEZ, Emilio e LÉVI-PROVENÇAL, É., eds. (1981) - *Sevilla a comienzos del siglo XII - El tratado de Ibn ʿAbdīn*. 2ª ed. Sevilla: Servicio Municipal de Publicaciones.

IBN AL-ʿAWWĀM (1802) - *Libro de agricultura*. Trad. por Josef Antonio Banqueri. Madrid: Imprenta Real. 2 tomos.

IBN LUYŪN (1988) - *Tratado de agricultura*. Introd. e trad. de Joaquina Eguaras Ibáñez. Granada: Patronato de la Alhambra y Generalife.

IBN ZUHR (1992) - *Tratado de los alimentos*. Ed., trad. e introd. por Expiración García Sánchez, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

MAIMONIDES (1989) - *Cartas y testamento de Maimonides (1138-1204)*. Ed. lit. Carlos del Valle. Córdoba: Publicaciones del Monte de Piedad; Caja de Ahorros de Córdoba.

ESTUDOS

ANTUNES, Miguel Teles (1991) - Restos de animais no Castelo de Silves (séculos VIII-X). In *O legado cultural de judeus e mouros*. Lisboa: Instituto Oriental. p. 41-74. (Estudos Orientais; 2).

ANTUNES, Miguel Teles (1996) - Alimentação de origem animal em regime islâmico - Alcaria Longa e casa II da alcáçova de Mértola. In *Arqueologia Medieval*. Porto. 4, p. 267-276.

- ASIN PALACIOS, Miguel (1943) - *Glosario de voces romances registradas por un botánico anónimo hispanomusulmán (siglos XI-XII)*. Madrid; Granada: CSIC.
- BAZZANA, André (1992) - *Maisons d' al-Andalus. Habitat médiévale et structures du peuplement dans l' Espagne Orientale*. Madrid: Casa de Velázquez. 2 vols.
- BAZZANA, André e BEDIA, Juana (1994) - Saltés y el Suroeste peninsular. In *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Universidad de Huelva. p. 619-644.
- BERTRAND, Maryelle [et al.] (1990) - La vivienda rural medieval de 'El Castillejo' (Los Guájares, Granada). In *La casa hispano-musulmana. Aportaciones de la arqueología*. Granada: Publicaciones del Patronato de la Alhambra y Generalife. p. 207-227.
- BOONE, James L. (1993) - The third seasons of excavations at Alcaria Longa. *Arqueologia Medieval*. Porto, 2, p. 111-125.
- CARDOSO, João Luís (1993) - Contribuição para o estudo da alimentação em contexto islâmico: estudo dos restos mamalógicos e malacológicos das Mesas do Castelinho (Almodôvar). *Arqueologia Medieval*. Porto, 2, p. 103-107.
- CARDOSO, João Luís (1994) - A fauna de mamíferos de época muçulmana das Mesas do Castelinho (Almodôvar). Materiais das campanhas de 1989-1992. *Arqueologia Medieval*. Porto, 3, p. 201-220.
- CASTILLO GALDEANO, Francisco e MARTINEZ MADRID, Rafael (1990) - La vivienda hispanomusulmana en Bayyana-Pechina (Almería). In *La casa hispano-musulmana. Aportaciones de la arqueología*. Granada: Publicaciones del Patronato de la Alhambra y Generalife. p. 111-127.
- CATARINO, Helena (1995) - O Castelo de Salir: Resultados da escavação dos silos. In *Al-Ulya*. Loulé, 4, p. 9-30.
- ELISÉEF, Nikita (1982) - El trazado físico. In *La ciudad islámica*. Ed. por R. B. Serjeant. [S.l.]: Serbal-UNESCO. p. 113-129.
- GAMITO, Teresa (1994) - O povoamento islâmico da Serra do Caldeirão. In *Arqueologia en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Universidad. p. 545-563.
- GISBERT SANTONJA, Josep A.; BURGUERA SANMATEU, Vicent; BOLUFER I MARQUES, Joaquim (1992) - *La cerámica de Daniya (Dénia) - Alfares y ajuares domésticos de los siglos XII-XIII*. Valencia: Ministerio de Cultura.
- GOITEIN, Shelomo Dov (1983) - *A Mediterranean Society*. Berkeley: University of California Press. vol. IV.
- GOMES, Rosa Varela (1988) - *Cerâmicas muçulmanas do Castelo de Silves*. Silves: Câmara Municipal.
- GUERRA, Amílcar e FABIÃO, Carlos (1993) - Uma fortificação omíada em Mesas do Castelinho (Almodôvar). *Arqueologia Medieval*. Porto, 2, p. 85-102.
- HERNANDEZ CARRASQUILLA, Francisco (1993) - Los restos de aves del yacimiento medieval de Mértola. *Arqueologia Medieval*. Porto, 2, p. 273-276.
- HUICI MIRANDA, Ambrosio (1966) - *Traducción española de un manuscrito anónimo del siglo XIII sobre la cocina hispano-magribí*. Madrid.
- KHAWLI, Abdallah (1994) - A Mão de Fátima e a sua representação na arte hispano-muçulmana. Cerâmica estampilhada de Mértola. In *Arqueologia en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Universidad de Huelva. p. 605-618.
- KHIARA, Youssef (1994) - Propos sur l' urbanisme dans la jurisprudence musulmane. *Arqueologia Medieval*. Porto, 3, p. 33-46.
- LAFUENTE, Pilar (1996) - La cocción de los alimentos. Aproximación al menaje de cocina en una casa islámica (séc. XIII). *Arqueologia Medieval*. Porto, 4, p. 175-182.
- LAOUST, Émile (1920) - *Mots et choses berbères*. Paris: Augustin Challamel.
- LARIOUX, Bruno (1992) - *A Idade Média à mesa*. [S.l.]: Publicações Europa-América.
- LOPES, Maria da Conceição (1994) - A villa romana do Monte da Cegonha. In *Arqueologia en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Universidad de Huelva. p. 485-502.
- MACIAS, Santiago (1996) - *Mértola islâmica. estudo histórico-arqueológico do bairro da alcáçova*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

- MATOS, José Luís de (1983) - Malgas árabes do Cerro da Vila. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. IV, vol. 1, p. 375-390.
- MOKADEM, Hafid (1992) - *La porte hispano-mauresque de Rabat-Salé*. Rabat: INSAP. Mémoire de II^e cycle. vol. I. Texte dactil.
- MORALES MUÑIZ, Arturo (1993) - Estudio faunístico del yacimiento islámico de Mértola: los mamíferos. *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 263-271.
- MORALES MUÑIZ, Arturo (1995) - Arqueozoología - ginetá. *Investigación y Ciencia*. Febrero/95, p. 34-35.
- MORENO NUÑO, Ruth (1993) - El conjunto malacológico del yacimiento portugués de Mértola. *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 285-287.
- NAVARRO PALAZON, Julio (1990) - La casa andalusí en Siyasa: ensayo para una clasificación tipológica. In *La casa hispano-musulmana. Aportaciones de la arqueología*. Granada: Publicaciones del Patronato de la Alhambra y Generalife. p. 177-198.
- NAVARRO PALAZON, Julio (1991a) - *Una casa islámica de Murcia - estudio de su ajuar (siglo XIII)*. Murcia: Centro Ibn Arabi; Ayuntamiento de Murcia.
- NAVARRO PALAZÓN, Julio (1991b) - Un ejemplo de vivienda urbana andalusí: la casa n. 6 de Siyasa. *Archéologie Islamique*. Paris. 2, p. 97-125.
- PAIS, João (1993) - Sementes de um silo omíada [UE 67] de Mesas do Castelinho (Almodôvar). In *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 109-110.
- PAIS, João (1996) - Paleobotânica (finais do sé. XI a séc. XIII/XIV) do Sul de Portugal - Setúbal, Mértola e Silves. In *Arqueologia Medieval*. Porto. 4, p. 277-282.
- REDMAN, Charles (1986) - *Qsar es-Seghir - an archaeological view of medieval life*. Orlando: Academic Press.
- ROSELLÓ IZQUIERDO, Eufrásia (1993) - Análisis de los peces recuperados en Mértola. In *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 277-283.
- SANTOS, Maria José Azevedo (1992) - O mais antigo livro de cozinha português - receitas e sabores. In *Revista Portuguesa de História*. Coimbra. XXVII, p. 63-101.
- TORRES, Cláudio (1993) - O Carib al-Andalus. In MATOSO, José, dir. - *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores. vol. I, p. 363-415.
- TORRES BALBÁS, Leopoldo (1985) - *Ciudades hispanomusulmanas*. 2^a ed. Madrid: Instituto Hispano-Árabe de Cultura.